

Nas cidades (re) escritas:

História, memória e espaços na narrativa de O. G. Rêgo de Carvalho

*Pedro Pio Fontineles Filho*¹

Resumo: o presente artigo objetiva analisar as percepções sobre cidade e patrimônio na obra do escritor piauiense, O. G. Rêgo de Carvalho, sobretudo tomando os limiares entre o rural e o urbano, bem como acerca dos espaços atuando nas práticas cotidianas e sendo constituídos pelas memórias. Metodologicamente, o artigo se constitui pela leitura analítico-interpretativa dos livros do escritor, que abordam o cotidiano dos sujeitos e suas relações com as paisagens e o patrimônio das cidades, especialmente de Oeiras e Teresina. As filiações teórico-metodológicas acerca da cidade e patrimônio foram embasadas em autores como Wenders (1994), Choay (2001), Williams (1989), Santos (1999, 2008), Thomaz (1998) e Rolnik (1995, 1997). A narrativa literária se mostra como mais um discurso que (re) cria a realidade e que possibilita a visualização de outras sensibilidades e sociabilidades que se desenrolam na configuração do patrimônio em suas diferentes esferas.

Palavras-chave: História. Memória. Literatura. Cidade. Patrimônio.

Abstract: the present article aims to analyze perceptions about city and patrimony apart the Piauiense writer's work, especially taking the links between rural and urban, as well as about the spaces acting on the daily practices and being made for the memories. Methodologically this article is constituted for the analytical and interpretative reading of the writer's books, which express the subjects daily and their relations with the landscapes and the patrimony of cities, especially of Oeiras and Teresina. The theoretical and methodological filiations around city and patrimony were based on authors like Wenders (1994), Choay (2001), Williams (1989), Santos (1999, 2008), Thomaz (1998) and Rolnik (1995, 1997). The literary narrative shows itself as one more speech that (re) creates the reality and permits the visualization of other sensibilities and sociability that rise in the configuration of the patrimony.

Keywords: History. Memory. Literature. City. Patrimony.

IN THE (RE) WRITTEN CITIES:

History, memory and spaces in narrative by O. G. Rêgo de Carvalho

¹ Doutorando em História Social pela UFC. Mestre e Especialista em História do Brasil pela UFPI. Graduado em História pela UESPI. Graduado em Letras-Inglês pela UFPI. Professor Assistente do Curso de Licenciatura Plena em História da UESPI, Campus Clóvis Moura – CCM.

Introdução

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso [...] (CALVINO, 2003, p. 09)

Olhar para as ruas da cidade é, ao mesmo tempo, perceber sua materialidade e suas dimensões imateriais. A cidade, em grande medida, deve ser percebida em suas escritas múltiplas, contemplando seus vários escritores e leitores, que a fazem texto. As ruas, os casarões, as salas, os quartos, as praças, as avenidas. Pessoas em seu cotidiano, experimentando, sentindo e (re) significando cada espaço. Esses são alguns traços do patrimônio histórico-cultural das cidades, presentes na obra de O. G. Rêgo de Carvalho². As cidades, como destacou Ítalo Calvino (2003), mais que contarem, possuem a sua própria história em cada traçado e em cada manifestação. São histórias cujas escritas e leituras se constituem contínua e dinamicamente, acompanhando o ir e vir dos cidadãos. Na busca de narrar a história contida na cidade, muitos discursos e relatos surgem e criam cidades plurais dentro de uma mesma cidade, pois cada desejo, sonho, projeto ou negação escreve mais uma linha na história do espaço urbano.

Os livros³ de O. G. Rêgo de Carvalho compõem uma fração desse universo narrativo sobre a cidade, visto que os espaços na escrita do autor piauiense não se configuram unicamente como ambientação espacial. Cada território e lugar por ele elencados faz parte de sua intenção de demonstrar que a cidade é tão pulsante e intensa quanto as experiências individuais de seus personagens, compondo o patrimônio nas suas interligações entre as esferas material e imaterial.

A relação com os espaços se dá de tal maneira que, como assevera Wenders (1994), em alguns momentos, os lugares e a própria cidade se tornam personagens fundamentais à narrativa. Isso se explica, em grande medida, em função de que a cidade não é apenas habitada, pois ela também se encontra em cada indivíduo que nela vive, o que impulsiona uma

² Orlando Geraldo Rêgo de Carvalho nasceu em Oeiras no Piauí, no dia 25 de janeiro de 1930. Bacharel em Direito, foi professor e é funcionário aposentado do Banco do Brasil, O. G. Rêgo de Carvalho integrou o Grupo Meridiano e pertence à Geração 45. Juntamente com o poeta H. Dobal e o crítico M. Paulo Nunes, lançou em 1949 a revista "Caderno de Letras Meridiano", um marco dentro do Modernismo Piauiense, segundo os críticos. É ocupante da cadeira número 6 da Academia Piauiense de Letras. Atualmente, reside em Teresina.

³ As referidas obras são a novela *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953); o romance *Rio Subterrâneo* (1967); e o romance *Somos Todos Inocentes* (1971).

série de experiências e olhares sobre a cidade, olhares dos quais faz parte a escrita literária. O recorte temporal que as análises aqui contemplam, em princípio, se refere às cidades de Oeiras e Teresina das décadas de 1930 a 1950, pois é o período de ambientação narrativa dos livros escritos por O. G. Rêgo de Carvalho, havendo alguns avanços e recuos para melhor compreensão das experiências da escrita do literato. Muito embora esse intervalo não seja percebido de forma hermética, em razão dos traços memorialísticos que compõem os textos, o que amplia as possibilidades de interpretação e visualização das realidades apresentadas e narradas.

Assim, o artigo apresenta algumas chaves de leitura para se pensar a cidade e o patrimônio cultural a partir da escrita de O. G. Rego de Carvalho. Como ressalta Choay (2001), nos cruzamentos entre as dimensões do material e imaterial, as concepções de patrimônio tem se expandido, o que abriu espaço para outros olhares, como é o caso da narrativa literária.

Nas cidades de O. G.: a cidade e literatura como patrimônio histórico-cultural

Assim – dizem alguns – confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares (CALVINO, 2003, p. 17).

Os sujeitos, em meio ao que há de materialidade, deparando-se com paisagens urbanas distintas, (re) criam cidades dentro de uma mesma cidade, como forma de buscar identidades, pertencimentos, memórias, sensações. Nesse sentido, uma das discussões recorrentes no âmbito do patrimônio histórico e cultural está centrada nas posturas de conservação e preservação, que se vinculam com os deslizamentos da memória. A cidade em O. G. Rêgo de Carvalho surge como um ambiente, no qual vários sentidos se entrecruzam, no embate da memória entre o que poderia permanecer e o que mudaria na cidade e nas práticas dos sujeitos. Não se trata de um espaço de demarcações de elementos unicamente materiais, visto que a materialidade da cidade também é desencadeadora de reminiscências e de memórias para o autor, além de que ao lado da materialidade a cidade se constitui pelas dimensões sociais. Isso compõe, em larga medida, o universo do patrimônio cultural, do qual a literatura

também faz parte. Em suas lembranças aparecem cidades polarizadas, conflitadas e de dimensões distintas, que ora se configuram como um atrativo, ora como um retrato das perdas e da implacabilidade do tempo na cidade e nos costumes. Ele admite isso na ocasião em que recebeu o título de cidadão teresinense, no dia 16 de dezembro de 1994, dizendo:

Quantas saudades eu tenho da Teresina de minha infância e de minha adolescência. Quantas recordações agradáveis trago no peito da modesta cidade de 1940 e 1950, quando só havia três ou quatro automóveis por estas ruas, e não o inferninho do trânsito de hoje. Para poder crescer, Teresina desfigurou-se, perdeu as características de cidade provinciana, com seu pequeno aeroporto e hidroaviões que desciam em pleno Rio Parnaíba, onde está agora o cais de pedra e cimento (CARVALHO, 1994, p. 204).

Como “cidadão teresinense”, o autor cartografa não apenas uma cidade, mas duas cidades que, como expressão de temporalidades distintas, se conflitam como em formas polarizadas e até dicotômicas. O progresso, aliado às transformações aceleradas, contrasta com a “cidade provinciana” da juventude do autor. O tempo da velocidade é representado pelo fluxo intenso de carros, especialmente na principal avenida da cidade, a avenida Frei Serafim. É interessante que, resguardando as nuances numéricas, entre as décadas de 1940 (período da chegada de O. G. Rêgo de Carvalho à Teresina) e 1990 (período do discurso) a capital piauiense passa por um salto quantitativo bastante significativo em relação aos automóveis. Isso seria um dos indícios do desenvolvimento técnico e tecnológico, mas principalmente econômico, que atravessa a cidade.

Mais que isso, o estranhamento do literato piauiense para com os automóveis denota a experiência que os seres humanos, como adverte Antoine Prost (1992), tiveram nos deslocamentos e cruzamentos entre a esfera pública e a privada, que podem ser “ilustrados pelo engarrafamento do trânsito: as coerções coletivas das ruas que se impõem a esses meios de transporte privados deixam os indivíduos absolutamente anônimos e solitários” (PROST, 1992, p. 110). Nesse mesmo processo de coerções, a vida na cidade se encaminha por meio da separação dos espaços, conforme condicionantes e interesses vários, mas, principalmente, desvendando o “medo do contato”. O isolamento é a posição oposta ao contato, pois é a partir do contato que se incorre no risco de “perceber algo ou alguém como estranho” (SENNET, 1997, p. 19). Tal estranhamento dar-se-á de maneiras distintas ao longo da narrativa de O. G. Rêgo de Carvalho, não só com os espaços, mas com os costumes.

Os comparativos que O. G. Rêgo de Carvalho desenha de uma Teresina separada por quatro ou cinco décadas remetem, de maneira análoga, a algumas considerações feitas por Raymond Williams (1989) acerca das inúmeras implicações discursivas que envolvem as relações entre campo e cidade, notadamente na literatura. Nesses comparativos há lampejos de descontentamento em relação à cidade que, segundo O. G. Rêgo de Carvalho, se descaracteriza em nome do progresso. A cidade passa a representar um viés negativo que integra as “atitudes emocionais poderosas” (WILLIAMS, 1989, p. 11) que circundam tanto o campo quanto a cidade. A cidade do “inferninho do trânsito” que desagrada o literato piauiense é a cidade do barulho, das ações mundanas e da ambição, como destacou Williams.

O paralelo que O. G. Rêgo de Carvalho faz para dois períodos diferentes da cidade de Teresina é um quadro que tem suas bases na experiência urbana do autor. Isso é expresso ao longo de sua escrita, quando seus personagens se lançam nos deslocamentos entre Oeiras e Teresina. Oeiras inicialmente é concebida como a cidade de traços do campo, com elementos da vida rural, ao passo que Teresina seria o símbolo de cidade, com seus elementos de movimento e de traçados urbanos melhor definidos que a antiga capital piauiense. Muito embora, quando Teresina “cresce” e se “desfigura”, esteja presente o saudosismo do literato piauiense aos aspectos que remetem ao mundo rural, como a vida pacata e provinciana. Aliás, a literatura produzida por ele remete a “uma terra além da morte: um paraíso ou um inferno” (WILLIAMS, 1989, p. 366), na qual a cidade é pensada no cruzamento de suas potencialidades para as vivências do ser humano, mas, também, de seu desenraizamento e de contornos ora otimistas ora pessimistas.

Os conflitos entre o rural e o urbano, ou entre o campo e a cidade, parecem efervescer a partir de algumas leituras feitas sobre o texto de O. G. Rêgo de Carvalho. Isso fica nítido no texto escrito por Esdras do Nascimento⁴, publicado na orelha da primeira edição de *Rio Subterrâneo* (1967). Segundo Esdras do Nascimento, o território piauiense, e não somente uma cidade em particular, é caracterizado por “bois, vacas e caprinos exportados, praticamente extintos os rebanhos; ciclo da cera da carnaúba cumprido; potencial hidrelétrico inexplorado, com toda a sua indústria dando ocupação apenas a 1.264 operários” (NASCIMENTO, 1967). Esdras do Nascimento acentua as cores do quadro que cria sobre o

⁴ Nasceu em Teresina, em 08 de fevereiro de 1934, mas, ainda na infância, passa a morar em Fortaleza e depois em Natal. Morou no exterior, em cidades como em Amsterdã, Londres e Nova York. Essa trajetória de viagens e de moradia em diferentes cidades e países desde muito cedo, explicaria, em parte, o estranhamento e descontentamento com a realidade parálitica do Piauí, pois sua análise parte de referenciais de espaços bem distintos.

lugar de onde surge aquele romance, dizendo que se trata de uma localidade marcada pelas “endemias rurais e doenças de pauperismo matando milhares de pessoas; com apenas duas cidades em todo o Estado possuindo esgotos sanitários” (NASCIMENTO, 1967). Essa vinculação da obra com a configuração geográfica na qual se insere sinaliza uma percepção hermeticamente regionalista da escrita, na qual o regionalismo é condicionado pelos determinismos geográficos.

Contudo, a narrativa intimista e psicológica de O. G. Rêgo de Carvalho pretende fugir desse rótulo de que todo texto escrito por nordestinos tem que ser um texto regionalista. Vale ressaltar que esse comentário inicial, feito por Esdras do Nascimento, é para dizer que “Pois é desse Piauí desprezado, paupérrimo e injustiçado” que originaria *Rio Subterrâneo*. A escrita de Esdras do Nascimento está enredada, em larga medida, a uma noção de dicotomia entre o rural e o urbano, ou melhor dizendo, as “relações entre sociedade e natureza” (SANTOS, 1999, p. 233), que circunscrevem o livro como sendo oriundo de um lugar castigado pela natureza.

Após essa apresentação inicial, na qual os aspectos geográficos parecem determinar a existência dos seres humanos e das coisas, Esdras do Nascimento procura uma resposta para o atraso no qual o Piauí se encontra. Atraso indicado por “três escolas superiores funcionando, com o total de 341 universitários; mais de setenta por cento da população escolarizável fora das escolas, por falta de verbas, prédios e professores; renda per capita anual de sete mil, setecentos e dez cruzeiros” (NASCIMENTO, 1967). A realidade de uma natureza que erra na escuridão sem o devido trato pelo homem seria, em parte e a partir de tais dados, uma boa explicação para o abismo que separaria o Piauí dos demais estados do país.

Tentando implementar uma reflexão ainda mais crítica, Esdras do Nascimento procura explicações em bases ligadas à gestão política, afirmando que “O Piauí tem agravado o seu status precaríssimo pela atuação desonesta de políticos mesquinhos e corruptos, que se atiram como urubus às minguadas dotações orçamentárias federais” (NASCIMENTO, 1967). Nota-se que, mesmo buscando não atribuir toda a responsabilidade da situação de inércia do estado aos fatores naturais ou educacionais, Esdras do Nascimento continua acreditando que o problema continua sendo de esfera local, visto que é a falta de honestidade dos políticos piauienses o problema de tudo, sendo que o orçamento federal não poderia ser culpado por tal ingerência. Ele não se questiona, por exemplo, que desde a implantação do regime republicano, as lideranças políticas piauienses reclamam da injusta divisão ou repasse de

verbas para fortalecer o orçamento do estado. É um olhar “de dentro e de fora” – pois Esdras do Nascimento nasceu no Piauí, mas na infância vai para outras cidades - que busca todas as explicações no e para o espaço piauiense, como se esse fosse uma parcela federativa inteiramente independente. As experiências com outras cidades fazem com que Esdras do Nascimento lance um olhar negativo sobre o espaço piauiense.

Os comentários feitos por Esdras do Nascimento sobre o *Rio Subterrâneo* suscitam algumas interpretações: a primeira remete à concepção já cristalizada no imaginário brasileiro, inclusive dos intelectuais, de que o Piauí é um estado cujas características rurais são a tônica de sua paisagem e de suas relações sociais, culturais e econômicas. Essa realidade reforçaria a grandeza do livro de O. G. Rêgo de Carvalho, como se o enredo por si só não fosse suficiente para expressar o diferencial do texto. Por outro lado, uma segunda interpretação poderia indicar o esforço em denunciar as injustiças e os desmandos políticos que, historicamente, relegaram o estado ao ostracismo, sendo impulsionado por ditames geográficos. Interpretações à parte, tais comentários, mesmo diante das transformações pelas quais as cidades piauienses passaram, apontam para um pensamento literário rural para conceber os espaços e suas relações.

Passeios de *Mnemosine*: cidade, memória e patrimônio

Essa cidade que não se elimina da cabeça é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar (CALVINO, 2003, p. 09).

A conexão entre O. G. Rêgo de Carvalho, a cidade e seus personagens é endossada por ele mesmo, quando diz, em uma das entrevistas catalogadas e organizadas por Kenard Krueel (2007), que “todos os meus personagens são projeção de mim mesmo e muita fantasia” (CARVALHO *apud* KRUEEL, 2007, p. 309). Ele deixa em aberto para que o leitor tente investigar até onde o texto é uma escrita autobiográfica e onde se iniciam as liberdades criativas e fantasiosas, constituindo os deslizamentos da memória. A cidade de Teresina, que ele mesmo chamou de “Cidade Eleita”⁵, foi a cidade pela qual ele se encantou e que o abraçou

⁵ Esse foi o título que O. G. Rêgo de Carvalho deu ao seu discurso de recebimento do Título de Cidadão Teresinense, no ano de 1994.

desde os primeiros momentos de sua chegada. É essa cidade que o acolhe, mas que é cheia de mistérios, descobertas e frustrações na juventude, que o autor apresenta em sua obra. É com essa cidade com a qual se identifica e se sente muito mais pertencente, pois a Teresina de sua fase adulta, como ele mesmo afirma, está se desfigurando. A Teresina da década de 1940 era um atrativo, principalmente para os jovens que buscavam melhores oportunidades de estudos e emprego. Além disso, a capital se configurava como a manifestação contrária, para muitos, aos ares rurais e atrasados das demais cidades piauienses. Naquele momento é que

Joaquim Ribeiro Magalhães como centenas de jovens de outras cidades do Piauí e maranhão, pisou pela primeira vez, em solo da chapada do corisco” em 1945. Veio para continuar os estudos. Tinha 19 anos de idade. Não impressionou: “... chegando foi que eu vi: uma cidade pequena com poucas ruas calçadas. A maneira que o caboclo de minha terra se conduzia se conduzia o caboclo de Teresina (NASCIMENTO, 2002, p. 125).

O imaginário do jovem, que morava no interior, sobre a capital teresinense era de uma cidade bem estruturada, com habitantes que possuíam hábitos sofisticados. Mas ao chegar à capital percebe uma realidade totalmente diferente, quer dizer, não havia tanta diferença entre uma cidade do interior e uma da capital, ocorre, então, uma desilusão. Para alguns, como demonstra o velho que conversa com Lucínio em *Rio Subterrâneo*, “a gente sai de casa só para sofrer. É sempre assim...” (CARVALHO, 1967, p. 13). No entanto, a juventude é vista, nas narrativas de O. G. Rêgo de Carvalho, como uma experiência cujas desilusões podem ser superadas mais facilmente. É o que diz a personagem D. Odete em *Somos Todos Inocentes*, pois, para ela, “como é bom ser jovem! – refletiu. A dor fere menos” (CARVALHO, 1985, p. 60). Mesmo com essas sensações de sofrimento, solidão, desilusão, causadas pelo deslocamento, o que explicaria esse efeito de atração que Teresina exerce sobre muitas pessoas de outras cidades do estado? A escrita de O. G. Rêgo de Carvalho, em suas três principais obras, demonstra uma relação de poder que se constitui entre Teresina e Oeiras desde a transferência da capital, quando, em 1852, Oeiras deixa de ser capital e Teresina se torna o centro político-administrativo do Piauí. Desde então, Teresina se tornou o ponto central, para os olhares do poder público e se configurou como a vitrine do estado para todas as políticas públicas, o que tornou a capital, como destaca Rolnik (2000), um “ímã” que atrai a atenção de outras cidades piauienses.

Essa condição da capital piauiense é melhor compreendida ao percebê-la como uma rede, conforme as análises sugeridas por Milton Santos (1999) e Luiz Felipe Thomaz (1998)⁶. Teresina, como capital do Piauí desde 1852, surge a partir de uma concepção-prática da existência de uma rede, na confluência entre as dimensões material e social. A transferência da capital de Oeiras para Teresina visava a atender a um sistema de relações que pudesse garantir e legitimar, futuramente, a unidade morfológica e política do estado. Contudo, foram as funções de atendimento médico, educacional e de trabalho que deram à Teresina uma unidade funcional bem mais destacada que sua unidade morfológica. Além disso, Teresina se constitui como um espaço de circulação, como está expresso na Avenida Frei Serafim, que encantou O. G. Rêgo de Carvalho, quando chegou à cidade. Teresina se constituía como um referencial em saúde e educação, o que se tornava um atrativo para as pessoas de cidades mais interioranas. Em *Ulisses entre o Amor e a morte*, Ulisses reflete sobre a viagem que o pai e a irmã teriam de fazer em direção à Teresina. Seu pai, para se tratar de doença, e sua irmã para estudar. Na ocasião, seu pai passara mal e então:

Um amigo levou-o à farmácia, onde o induziu a tomar uns sais, que o reanimaram. O médico, chamado a atendê-lo, examinou-o e, abanando a cabeça em negativa, recomendou-lhe ir à capital, quando tivesse de internar a menina no colégio: já não tinha esperanças de salvá-lo (CARVALHO, 1981, p. 04).

Teresina seria a única solução para a doença do pai, bem como a promessa de um futuro para a irmã, que para lá iriam em busca de tratamento médico e de melhor instrução educacional, respectivamente. Esse trecho é de um capítulo intitulado *A Viagem*, no qual as memórias de personagens e autor parecem se confundir. Em seu deslocamento de Oeiras para Teresina, Ulisses parece não perceber o movimento e o passar das coisas, pois, em conformidade com o que postula Richard Sennet (1997), está em uma “experiência narcótica”. Tal experiência é fomentada pela possível perda da identificação do corpo com o espaço, pois sua lembrança estava em Oeiras. Ele diz que “durante a viagem, porém, Oeiras

⁶ As premissas de que cada espaço é uma rede, na qual a unidade funcional é mais relevante que a unidade morfológica são concepções defendidas por ambos os autores. Luiz Felipe Thomaz afirma que “num dado espaço geográfico é, em regra, mais relevante a unidade funcional que a unidade morfológica” (p. 208). Indo mais além, para demonstrar o caráter importante de ser perceber os espaços como redes, Milton Santos diz que “as redes são, pois, ao mesmo tempo concentradoras e dispersoras, condutoras de forças centrípedas e de forças centrífugas” (p. 278). Teresina, na vida e na escrita de O. G. Rêgo de Carvalho é concentradora e é dispersora, dependendo das relações e sentidos que desperta no autor e em seus personagens.

não me saía do pensamento, com seus morros, o riacho, a quinta – tudo que entretivera meu coração e sentira perder agora, para sempre” (CARVALHO, 1991, p. 26). Nota-se que, na viagem de Ulisses, “o corpo se move passivamente, anestesiado no espaço, para destinos fragmentados e descontínuos” (SENNET, 1997, p. 18). Esse espaço fragmentado e descontínuo se confunde com o universo da introspecção e do pensamento, onde espaço e corpo se entrecruzam, na articulação, também, com o que se mostra exterior ao corpo.

Vale ressaltar que, em meio a esse frenesi de cidades que se apresentam a partir de uma mesma cidade, a memória situada no tempo e no espaço faz com que as lembranças do indivíduo estejam muito mais atreladas a determinadas experiências de sua vida e seus valores. Isso explica o caráter da memória individual, ou melhor, autobiográfica do literato piauiense, pois tal memória “[...] não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referências que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACKS, 2006, p. 72). As maneiras pelas quais a cidade é representada e sua relação na constituição de memórias transcende uma temporalidade fixada. Tal memória, mesmo que disfarçada de narrativa literária, aparece de maneira marcante na escrita de O. G. Rêgo de Carvalho, sendo que sua escrita não expressa somente a sua memória das cidades de Teresina e Oeiras, e em alguns momentos de Timon, mas também se constitui como memória desses mesmos espaços cujas sensibilidades de outrora já não são mais as mesmas.

As reminiscências da memória se configuram nas interfaces entre a lembrança e o esquecimento, o que, em *Rio Subterrâneo*, faz com que Lucínio tenha lapsos de memória ao tentar lembrar de Oeiras, pois, respondendo a sua mãe, ele diz: “Aliás, a única recordação que guardo de minha permanência em Oeiras é do sobrado em que vivi uns tempos. Quantas semanas foram mesmo?” (CARVALHO, 1967, p. 22-23). O seu distanciamento com a cidade natal e falta de memória são enfatizados por O. G. Rêgo de Carvalho quando diz que “só Lucínio não tem nenhuma: é um jovem sem infância, sem raízes, sem nada” (CARVALHO, 1967, p. 25). A literatura, dessa forma, assume um papel importante tanto na perpetuação da memória quanto na sua própria constituição. Nesse sentido, a cidade de Teresina e de Oeiras são aqui apreendidas pelo olhar do literato em diferentes momentos históricos, no intuito de perceber as permanências e transformações nas formas de ver e experimentar os espaços citadinos, bem como a memória se constituindo em decorrência da própria dinamicidade da cidade.

A cidade apresenta-se como espaço de construção de memórias, significados e funções, nas inter-relações entre o material e o imaterial, denotando as mais variadas formas e dimensões de relações de poder. Como destaca Roger Chartier (2002), as disputas e as relações podem, ainda, ser percebidas nas esferas de produção e de consumo de um livro. Tal fato está representado pela época, por exemplo, em que *Ulisses entre o Amor e a Morte* foi publicado, pois alguns críticos literários diziam que o livro fugia das perspectivas regionalistas que se esperavam da escrita nordestina, visto que a temática do livro era de introspecção e não de determinismos geográficos.

Por esse viés, a identificação dos múltiplos discursos de diferentes grupos sociais, possibilita a visualização dos sentidos e desejos atribuídos à modernidade em Teresina nas décadas de 1930 e 1950 que atraía muitos indivíduos de outras cidades piauienses, como é o caso dos personagens apresentados por O. G. Rêgo de Carvalho. A modernização como fenômeno que se relaciona à cidade faz com que esta seja pensada como “[...] um conjunto de lugares apropriados e produzidos pelos grupos sociais experimentando tempos e ritmos diferentes” (CARLOS, 2002, p. 99). Tal apropriação e produção, manifestadas na escrita do literato piauiense, fazem parte do universo das práticas culturais que se expressam como relações de poder. Assim, é que um conceito que também norteia este estudo é o de espacialidade, pois permite perceber como os diversos grupos se apropriam e reproduzem os espaços, dando-lhes novos sentidos e significações. Por tal perspectiva é que Teresina tornou-se o palco dos olhares dos governantes, comerciantes, artistas, literatos e jornalistas, que (re) criavam a cidade diante de suas experiências e dos conflitos oriundos do choque entre as tradições e as inovações.

A Teresina daquele momento era a cidade das lavadeiras na beira do rio, das movimentações das praças e dos namoros de que fala A. Tito Filho (1974). Ele, dentre outros aspectos, assim como O. G. Rêgo de Carvalho, também olha a Teresina daquela época como a cidade da jovialidade, das meninas e da sensualidade, pois lembra que “No final do parque da Bandeira – o Parnaíba – o velho monge de barbas brancas – como cantou Da Costa e Silva. Rio de água boa. Junto às suas margens, a gente ainda vê, como no outro rio, o Poti, as lavadeiras batendo roupa. Algumas de seios à mostra. Outras quase nuinhas como nasceram” (TITO FILHO, 1994, p. 48). É, dessa maneira, a cidade da juventude e das descobertas. O rio assume a função de lugar de sociabilidades, especialmente dos jovens e dos rapazes. Enquanto alguns bares franceses, como apontou Antoine Prost (1992), se tornaram espaços para as

sociabilidades masculinas, as coroas que se formam quando o rio Parnaíba está mais seco se configuram como o ponto de encontro dos rapazes em Teresina. Lá eles trocam confidências, como quando Ulisses lembra de ter sido pego de súbito por uma pergunta de Norberto: “ – Ulisses, você já... – e fez um gesto despudorado” e Ulisses responde: “- Não – confessei, a vista baixando” (CARVALHO, 1991, p. 47), É também a cidade das ruas elegantes, bem arborizadas e de pessoas amigáveis, como fala O. G. Rêgo de Carvalho (1994), pois, para ele, a cidade era um lugar de encantamento. Para ele, Teresina tinha se constituído como

[...] um deslumbre para os olhos. Acostumado, em Oeiras, com ruas tortas, becos sem saída e praças sem arborização, surpreendi-me agradavelmente ao encontrar nesta cidade, quando aqui vim residir em 1942, com minha família, ruas alegres, espaçosas e arborizadas, retilíneas, cruzando-se a espaços certos e dando em praças ajardinadas e cheias de passarinhos (CARVALHO, 1994, p. 203).

Mais uma vez Oeiras surge como a cidade do antigo, do acanhamento, em comparação com uma capital “deslumbrante”. Capital cuja cartografia aponta para uma espacialidade racionalizada por seus traçados retilíneos. Entretanto, a capital é a mesma cidade que vivia com suas ruas da prática da prostituição, dos pedintes e de pessoas que permaneciam excluídas das ações progressistas do ambiente desenvolvimentista daquele momento. Nesse período, Teresina sofre também com outros problemas, como abastecimento de água e luz elétrica. No tocante à água, o interventor Leônidas de Castro Melo, em Relatório ao Presidente Getúlio Vargas, diz que “O abastecimento d’água desta cidade, como é do conhecimento V. Excelência, é bastante precário, insuficiente mesmo para atender ao consumo dos atuais concessionários, devido à pouca capacidade das bombas e do reservatório, bem como a localização do atual, no rio Parnaíba...” (MELO, 1942, p. 36).

Mesmo que a cidade tenha, nesse momento, alcançado um crescimento populacional menor do que décadas anteriores e a receita do estado tenha aumentado a cada ano, isso ainda não era o suficiente para suprir as suas necessidades. No ano de 1942 houve a contensão de gastos públicos, fazendo com que fosse necessário embargar algumas obras públicas, como a estrada de rodagem Teresina-Parnaíba, o Pavilhão destinado a Tuberculosos, o Quartel da Força Policial e o Grande Hotel de Teresina. Ações como essa limitavam as implementações urbanas e a “história de uma dada cidade se produz através do urbano que ela incorpora ou deixa de incorporar” (SANTOS, 2008, p. 68). Isso demonstra que a cidade é constituída

também pelos seus inúmeros agentes, sendo que os que estão na dimensão legislativa acabam assumindo um papel direto na transformação dos espaços. Contudo, conforme salienta Raquel Rolnik (1997), a cidade não se forma a partir unicamente da lei, visto que ela “determina apenas a menor parte do espaço construído”(ROLNIK, 1997, p. 13).

Deve-se atentar para as relações que ela mantém com outras formas e agentes que atuam na modelação da silhueta urbana. Discutir a cidade de Teresina das décadas de 1940 e 1950 é buscar compreender as imagens, discursos e ações que se construíram acerca da cidade e de seus costumes e práticas, como, nos dizeres de Raquel Rolnik (1995), uma constante escrita e plural. A relação de O. G. Rêgo de Carvalho com a cidade de Teresina é algo marcante não somente na sua obra, mas em sua própria história, pois assim como no saber histórico, o literato também é filho de seu tempo e de seu espaço, deixando transparecer suas vivências e experiências. Isso pode ser notado quando O. G. Rêgo de Carvalho diz:

Receio que, com o passar dos anos, meus livros, eminentemente introspectivos, venham a ser considerados romances de costumes. Pois é um dos costumes de Teresina que eu evoco no final de *Ulisses...*, quando descrevo a vida noturna desta cidade, circunscrita, na minha adolescência, ao passeio circular da Praça Pedro II, onde rapazes e moças se entrecruzam, à espera de cinema, de puro prazer ou para namorar (CARVALHO, 1994, p. 203).

Mesmo não querendo escrever “romances de costumes”, a Teresina das memórias narrativas de O. G. Rêgo de Carvalho revela muito de suas experiências com a cidade. A vida noturna é o marco, até mesmo em seus personagens de *Ulisses entre o Amor e morte*, de suas aventuras românticas e prazerosas em sua juventude. A Praça Pedro II seria o ponto de encontro para as práticas de namoro e de diversão dos jovens. Quando ele fala em “puro prazer” está se referindo a uma prática, que anos mais tarde iria se tornar uma marca da praça, referindo-se ao sexo fácil e às vezes pago. A cidade é (re) escrita por ele como uma cidade vivida e não uma cidade descrita somente pelas ruas e tijolos, mas sim, a cidade das sociabilidades e relações sociais. Como ele mesmo admite:

Em Rio Subterrâneo descrevo ainda a Praça do Liceu tal como era por volta de 1950, então um largo cheio de pedras abruptas, mais tarde demolidas a explosão de dinamite, para que a Rua Coelho Neto, extensão da Simplício Mendes, pudesse ser calçada ali e a praça, então nua, fosse plantada de árvores já crescidas (CARVALHO, 1994, p. 203-204).

Além desses aspectos memorialísticos e sentimentais, enfatizando que a cidade é esfera de conflitos, seu discurso evidencia uma transformação da malha urbana, como fruto de um ordenamento dos espaços, com a criação de espaços de sociabilidades a partir do embelezamento de ruas e praças. Isso retrata a intervenção dos agentes legislativos na constituição e modelação dos contornos da cidade.

É necessário destacar que as relações de poder, que podem ser visualizadas na narrativa literária de O. G. Rêgo de Carvalho, mesmo que em certa medida de forma sutil, vão além das dimensões político-administrativas, pois nos discursos que imprimem, notadamente, os caracteres de práticas de loucura e solidão, denotam os poderes em micro-dimensões que significam o “outro” como louco ou são. Nesse sentido, a loucura faz parte dos discursos que tentam localizar, e até mesmo neutralizar, os indivíduos em seus espaços de atuação. A loucura se institui, discursiva e ideologicamente, como expressões de não-lugares, nos quais os loucos apresentam práticas que fogem às normatizações das condutas sociais preestabelecidas.

Essa dimensão introspectiva da loucura e da solidão assume, na narrativa do literato piauiense, os sentidos de identificação e pertencimento com os espaços. Em *Rio Subterrâneo* isso é notório, quando Lucínio, personagem central, à beira do Rio Parnaíba fica observando que “a torrente impetuosa era um convite à loucura: arrastava a imaginação pelos funis, com um rumor de vozes abafadas, atraindo o expectador desprevenido para a sedução da morte” (CARVALHO, 1967, p. 03). Contudo, esse mesmo rio, que desperta em Lucínio um sentimento vazio de expectativa para a morte, também é o rio que, em outros instantes, o conforta em meio à sua solidão, pois “agora novamente Lucínio escuta o Parnaíba: um rumor profundo e forte, inquietante como um choro. Sorri, porém. Essas vozes, tão íntimas suas, matam a solidão que o enerva. Já não está sozinho: tem o rio” (CARVALHO, 1967, p. 28-29). Na condição de deslocamento e de não pertencimento aos espaços, o rio torna-se o misto de martírio e de refúgio, onde as sensibilidades em relação à cidade afloram.

É pertinente que se diga que os textos do literato piauiense, ainda, despertam a consciência de que discursos acerca dos espaços estão historicamente pautados, também, em ações e projetos de modernização e de modificação dos espaços, com vinculações com a esfera política, pois, conforme as novas perspectivas da história política, como ressaltam Jacques Juliard (1974) e René Remond (1996), a vivência coletiva está imersa nos aspectos econômicos, culturais e imagéticos da cidade, condicionando as próprias relações do meio

social. Por esse diapasão, os lugares, na obra de O. G. Rêgo de Carvalho são, ao mesmo tempo, condutores e catalisadores de práticas, emoções, lembranças e de sociabilidades. Expressas em um mosaico de projeção autobiográfica e inventividade, pois, como se salientou, a cidade habita em cada indivíduo e ela se faz transparecer a cada palavra, a cada linha, a cada página.

Considerações Finais

As discussões acerca das narrativas sobre as cidades de Teresina e de Oeiras nas décadas de 1930 e 1950, a partir da escrita de O. G. Rêgo de Carvalho permitem o despertar de novas reflexões em relação aos espaços, bem como o conhecimento e compreensão dos condicionantes políticos, econômicos e socioculturais que povoaram o imaginário nacional e local. Sua literatura contribui para ampliar a (re) escrita da história da cidade, visto que a escrita da história é marcada, dentre outros aspectos, pela prática constante do historiador em revisitar o passado e repensar seus significados. Quando Teresina se apresenta como um ponto de atração nos enredos de cada livro do literato, está apresentando, de maneira sutil, tais aspectos sem a necessidade de descrevê-los, como em uma literatura engajada. Daí a importância do olhar do historiador, em perceber na literatura as configurações históricas e não o contrário, como em uma postura na qual a literatura somente confirmaria a história.

Além disso, as experiências de um dado momento ressoam no tempo e deixam suas marcas em temporalidades e espacialidades futuras, o que pode ser apreendido na narrativa literária. Por esse prisma, a escrita literária de O. G. Rêgo de Carvalho se inscreve nas próprias tensões que se desenrolam no universo dos espaços, sejam eles apreendidos como urbanos, sejam como rurais. A escrita de O. G. Rêgo de Carvalho contribui para a visualização de lugares e práticas, que compõem a espacialidade e a cartografia da cidade, cujas memórias revelam as lutas de preservação e imortalidade, não somente da materialidade, mas da própria subjetivação e da imaterialidade ligadas aos lugares. O patrimônio arquitetônico e histórico das cidades de Oeiras e Teresina, em certa medida, são preservados na narrativa do escritor, que, dessa maneira, acaba se constituindo, também, como patrimônio cultural. Os livros de O. G. Rêgo de Carvalho devem ser lidos não só como obra literária, mas como signo mesmo da cultura piauiense.

As sensibilidades, que as diferentes percepções sobre a cidade produzem, apontam para realidades nas quais a cidade e os cidadãos são parte de um movimento dinâmico. A cidade vivida, sentida e escrita por O. G. Rêgo de Carvalho é representada como espaço de atrações, conflitos e experiências múltiplas, que (re) constituem, narrativamente, as apreensões sobre as paisagens dos espaços e integram o universo do patrimônio cultural, visto que a própria escrita é elemento de tal patrimônio. A cidade como (re) escrita se dá nas ruas e nas linhas da cidade e do texto. Caminhar pelas memórias da escrita é caminhar pelas memórias da cidade. Palavras e sensações se confundem e se amalgamam no sentido das lembranças e marcas de quem escreve e experimenta a vida em diferentes espacialidades e temporalidades.

Referências

- ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, A.I.G. (Orgs.). **Dilemas urbanos**: novas abordagens sobre cidade. São Paulo: Contexto, 2002.
- CARVALHO, O. G. Rêgo de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- _____. **Somos todos inocentes**. 3. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano: Petrópolis – RJ: Vozes, 1985.
- _____. Ulisses entre o amor e a morte. In: _____. **Ficção Reunida**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1981.
- _____. A cidade eleita. In: **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Nº 52. Ano 77. Dez. 1994.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.
- CHOAY, François. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: EDUNESP, 2001.
- HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- JULIARD, Jacques. História Política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História – novos problemas, novas abordagens, novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1974.
- KRUEL, Kenard. **O. G.: fortuna crítica**. Teresina: Zodíaco, 2007.
- MELO, Leônidas de Castro. Interventor. **Relatório** Apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas, 1942, p.36.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides. A cidade dos sonhos. In: _____. **A Cidade sob o Fogo**. Fund. Mons. Chaves: Teresina, 2002.
- NASCIMENTO, Esdras do. Comentário de Orelha. In: CARVALHO, O. G. Rêgo de. **Rio Subterrâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- PROST, Antoine. Transições e interferências. In: _____. ; VINCENT, Gerard (Org.). **História da vida privada 5**: da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- REMOND, René (Org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1996.

- ROLNIK, Raquel. **A cidade e lei:** legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Sstudio Nobel: Fapesp, 1997. (Coleção Cidade Aberta).
- _____. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SANTOS, Milton. Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional. In: _____. **A natureza do espaço:** espaço e tempo, razão e técnica. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 186-196.
- _____. Por uma geografia das redes. In: _____. **A natureza do espaço:** espaço e tempo, razão e técnica. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 208-222.
- _____. **Técnica, espaço, tempo.** São Paulo: EDUSP, 2008.
- SENNET, Richard. **Carne e Pedra:** o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- THOMAZ, Luís Filipe F. R. Estrutura política e administrativa do Estado da Índia no século XVI. In: _____. **De Ceuta a Timor:** memória e sociedade. 2. ed. Portugal. Alges: DIFEL, 1998.
- TITO FILHO, A. **Teresina, meu amor.** Teresina: Artenova S.A, 1974.
- WENDERS, Wim. A paisagem urbana. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico.** N. 23, 1994.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Recebido em: 06 de novembro de 2012

Aprovado em: 02 de agosto de 2013